

Não chores por mim Argentina: Evita e a comunidade emocional peronista

**Don't cry for me Argentina: Evita and
Peronist Emotional Community**

**No llores por mí Argentina: Evita y la
comunidad emocional peronista**

■

Gayol, S. (2023). *Una pérdida eterna. La muerte de Eva Perón y la creación de una comunidad emocional peronista*. Fondo de Cultura Económica de Argentina.

Cumpre à subsecretaria de informação da presidência da nação, o penosíssimo dever de informar ao povo da república, que às 20:25 horas faleceu a Sra. Eva Perón, chefa espiritual da nação. Os restos mortais da senhora Eva Perón serão conduzidos amanhã de manhã para o Ministério do Trabalho e Segurança Social, onde se instalará a capela ardente (p. 113-114).¹

* Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGU-UNIRIO). Atua como professora concursada de História na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e na Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. CV: <http://lattes.cnpq.br/5454506878089687>

¹ "Cumple la Subsecretaría de Informaciones el penosísimo deber de informar al pueblo de la República que a las 20:25 ha fallecido la señora Eva Perón, jefa Espiritual de la nación. Los restos de la señora Eva Perón serán conducidos mañana en horas de la mañana al Ministerio de Trabajo y Previsión donde se instalará la capilla ardiente" (p. 113-114). [A versão em português é tradução minha].

Apartir de uma estação radiofônica instalada na residência presidencial, a notícia do falecimento da primeira-dama da Argentina foi transmitida em cadeia nacional às 21:36 do dia 26 de julho de 1952. Sua morte deu-se em consequência de um câncer uterino, diagnosticado em 1950 e que progrediu rapidamente, apesar de vários tratamentos. Quando a doença que acometeu Maria Eva Duarte Perón – ou Evita, como era conhecida – se tornou pública, os órgãos oficiais de comunicação periodicamente veiculavam notícias acerca de seu estado de saúde. No dia 9 de agosto, aproximadamente três milhões de pessoas ocuparam as ruas de Buenos Aires para acompanhar o cortejo fúnebre de Evita, como ficou carinhosamente conhecida a primeira-dama.²

A leitura do livro *Una pérdida eterna. La muerte de Eva Perón y la creación de una comunidad emocional peronista* coloca-nos diante do padecimento, da morte e das cerimônias fúnebres em honra à Eva Perón sob a ótica da História das Emoções. Cada página do livro ordena, aos poucos, o emaranhado das relações estabelecidas entre a figura Evita, o Peronismo, as emoções e a cultura de massas. A obra em questão é o livro mais recente da professora e historiadora argentina Sandra Gayol, que ao longo de sua carreira tem se dedicado ao estudo da História Social do Crime e à História da Morte, com ênfase nos séculos XIX e XX (Gayol, 2008 e 2000; Gayol & Kessler, 2019). O interesse de Gayol pela figura de Eva Perón é anterior ao projeto de escrita da obra que hora abordamos. No artigo intitulado *As vidas post mortem de Eva Perón: corpo, ausência e biografias nas revistas de massas da Argentina* (Erhlich & Gayol &, 2018) a autora analisa a diversidade de biografias *post-mortem* construídas pela mídia na medida em que os diversos veículos de comunicação se apropriavam da figura de Evita. Neste sentido, o livro *Una pérdida eterna* é resultante de uma pesquisa densa, realizada ao longo de vários anos. Ainda assim, o leitor se vê diante de um texto fluido e agradável, capaz de cativar.

Todavia, recomenda-se certo conhecimento prévio acerca do Peronismo, termo pelo qual ficou conhecido o Movimento Nacional Justicialista, definido em termos gerais, como um movimento ideológico fundamentado nas ideias de Juan Domingo Perón, que foi presidente da Argentina por três mandatos (1946–1952, 1952–1955, 1973–1974). Desde o início, o peronismo abarcou um amplo espectro de ideias políticas e sociais, sendo também diversos os grupos políticos partidários de Perón. Como seus princípios fundamentais podemos elencar: a defesa dos direitos dos trabalhadores (trabalhismo), o justicialismo, o nacionalismo e o populismo centrado na figura de um líder carismático (Neiburg, 1997; Aelo, 2016). Capaz de “reinventar-se” ao longo dos anos, o peronismo ainda se faz presente no cenário político argentino, ainda que esvaziado de seu sentido original.

A leitura de *Una pérdida eterna* surpreende pela variedade do corpo documental consultado: artigos de jornais, discursos fúnebres, depoimentos de presentes aos funerais, cartas, poemas, fotografias, filmes, documentos governamentais etc. O material foi consultado

² Na internet existem diversos vídeos do cortejo fúnebre de Evita. Nas imagens podemos ver as ruas de Buenos Aires enfeitadas de flores e ocupadas pela multidão. A título de exemplo, ver: Cronjagar, E. (1952). Secretaría de Prensa y Difusión de la Presidencia de la Nación / Fox. Y la Argentina detuvo su corazón. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=vs7sylRHx7E>. (1952). British Pathé. Funeral of Eva Perón. [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=PVoVu_-YKvc. (1952). Funeral de Eva Perón, el pueblo despidió sus restos. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=cZ9Yn3d5HSw>



pela autora em arquivos públicos e particulares argentinos e de diversos países latino-americanos. Embora de natureza diversa, as fontes conjugam-se de forma harmoniosa entre si e com os referenciais teóricos utilizados. O resultado foi um texto denso que traz uma dupla contribuição para a historiografia.

Em primeiro lugar, tendo a História das Emoções como referencial teórico, a autora apresenta o modo pelo qual as emoções podem impactar a política, de modo a construir todo um imaginário capaz de se perpetuar no do tempo. No caso em questão, o imaginário político peronista, personificado na figura de Eva Perón e difundido pelos meios de comunicação de massa da época. A análise semântica do amor político proposto pelo peronismo é um elemento-chave na obra de Gayol. A autora não apenas analisa o efeito do discurso governamental sobre homens e mulheres peronistas. Vai mais além, ao procurar analisar as emoções que esse mesmo discurso desencadeava nos adversários do regime.

Em segundo lugar, a obra analisa algumas das possíveis relações entre a morte, o morrer, a cultura de massas e a comoção pública. Abordagem ainda pouco pesquisada pelos historiadores que se dedicam à História da Morte. O funeral de Eva Perón (ainda que organizado e “promovido” pelo Estado, por intermédio da máquina de propaganda peronista) pode ser inserido em uma série de funerais de figuras públicas (nomeadamente artistas e políticos) cuja presença expressiva de público pode explicar-se também pelo desenvolvimento dos meios de comunicação.³

Gayol nos lembra, por exemplo, de que os acontecimentos de Buenos Aires chegavam pelo rádio às províncias mais distantes. Nestas, os moradores impedidos pela distância de comparecer aos funerais na capital, prestavam suas homenagens em altares domésticos ou erigidos em espaços governamentais. Para a autora, esses velórios simbólicos (nos quais a morta se fazia presente através de quadros e retratos) replicavam o poder central, mantendo coesa a comunidade emocional peronista em torno da dor pela morte de Evita. A “religião política” criada pelo Estado peronista a partir da morte de Eva Perón foi objeto de alguns estudos (Navarro, 1994; Dujovne, 1995; Plotkin, 2007). Todavia sua morte - à qual se somaram emoções, afetos, ideias e identidades políticas - nunca foi estudada de forma tão aprofundada quanto evento em si mesmo. Eis a lacuna preenchida por *Una pérdida eterna*. De acordo com Gayol, o passamento de Eva Perón foi um acontecimento avassalador para o Peronismo, ao mesmo tempo em que serviu como o arremate final para a sua conformação. A autora propõe uma reflexão sobre de que forma comunidades políticas podem se relacionar com comunidades emocionais. Assim posto, temos a tese central do livro: o processo de morte, o desenlace e os funerais de Eva Perón, que mobilizaram milhões de argentinos, formaram uma comunidade emocional (peronista) capaz de perpetuar o Peronismo até os dias atuais.

Por “comunidade emocional” entende-se um grupo de indivíduos que compartilham um dado conjunto de sentimentos, experiências e condutas para expressar suas emoções. O conceito vai além do simples sentimento de pertença a um grupo, uma vez que também pode

³ Como exemplo podemos citar os funerais de Rodolfo Valentino (Nova York, 1926), Carlos Gardel (Medellín, 1935; Buenos Aires, 1936), Lupe Velez (Glendale/Cidade do México, 1944), Gandhi (Nova Delhi, 1948), Getúlio Vargas (Rio de Janeiro, 1954) e Carmen Miranda (Rio de Janeiro, 1955).

envolver uma conexão profunda entre os membros da comunidade, vista como um *locus* de partilha, troca de experiências e suporte mútuo (Rosenwein, 2011). A partir deste ponto, poderíamos inferir que a “comunidade emocional peronista” seria definida pelo conjunto dos indivíduos (peronistas) que partilham das ideias políticas de Juan Perón (trabalhismo, justicialismo, nacionalismo etc.).

Juan Perón colocava o Justicialismo como um modo de sentir e estar no mundo, afirmando com frequência: “Nós construímos um movimento ao qual aderem homens de qualquer parte que *pensam e sentem* [grifo nosso] como nós” (p. 17).⁴ A comunidade emocional peronista vai além do ideário político, sendo também caracterizada por um conjunto de sentimentos compartilhados que servem como uma amalgama capaz de mantê-la coesa. Quais seriam esses sentimentos? De acordo com Gayol: felicidade, amor, dor e sacrifício; personificados na figura de Evita, que sempre os invocava em seus discursos e aparições públicas.

Mas o que significava pertencer à “comunidade emocional peronista”? E o que representou para milhares de argentinos a morte da “cheifa espiritual da nação”? Essas questões são postas por Gayol e perpassam o livro dividido em seis capítulos: 1) La enfermedad pública de Eva; 2) El amor y el martirio de Eva, el dolor y la felicidad del pueblo peronista; 3) Eva se murió; 4) Morir en el papel y en la pantalla; 5) Escribir la muerte de Eva a su esposo presidente; 6) Oposición política y emociones. Para Gayol, quando a doença alcança uma figura pública com o poder que tinha Eva Perón, seu caráter social, público e político é reforçado. No primeiro capítulo, fica claro ao leitor como esse aspecto contribuiu para a configuração de uma comunidade política e emocional. O câncer diagnosticado, em 1950, tornou-se público no ano seguinte, quando a evolução da doença começou a alterar a disposição e a aparência física da primeira-dama. A partir deste momento, seu estado de saúde tornou-se parte da dinâmica política argentina. A autora alude à memorável imagem na qual se vê Evita recém-operada, deitada em sua cama e emitindo seu voto no 11 de novembro, para demonstrar que, apesar da enfermidade, sacrificou-se para participar de forma ativa na campanha para as eleições presidenciais de 1951.

Após a eleição (vencida por Juan Perón), a população acompanhou a enfermidade de Evita principalmente por meio da imprensa estatal, na qual o rádio desempenhava papel fundamental. Cartas com mensagens de apoio e orações chegavam a Buenos Aires vindas de todo o país. Em toda a Argentina eram realizadas missas pelo reestabelecimento da saúde da primeira-dama enferma. Não é possível saber o quanto a população sabia realmente a respeito de sua doença. De acordo com Gayol, a palavra câncer não é mencionada na documentação pesquisada. Todavia, a doença de Eva se alojou em seu corpo enquanto processo orgânico e acontecimento político, ao mesmo tempo envolvendo e dando nova forma ao Peronismo.

Segundo Gayol, o bem-estar social e o avanço dos direitos aos trabalhadores, garantidos pela constituição de 1949, foram incorporados à propaganda peronista. Com Perón, a felicidade não era apenas uma promessa: era “o aqui” e “o agora”, uma experiência emocional gratificante. Por seu turno, para além de criar diversas instituições sociais, Eva Perón muitas

⁴ “Nosotros construimos un movimiento al que adhieren los hombres de cualquier parte que piensan y sienten como nosotros” (p. 17). [A versão em português é tradução minha].

vezes se empenhara pessoalmente na resolução de conflitos trabalhistas. No segundo capítulo, a autora analisa de que modo Evita apropriou-se da propaganda governamental, incorporando à ideia de felicidade a ideia de martírio pessoal, como certa vez afirmara: "A felicidade de um descamisado vale mais que a minha própria vida" (p. 77).⁵

Aludindo à sua capacidade de sacrificar-se pelo marido e por "sus descamisados" (termo que usava para referir-se aos argentinos oprimidos pelas oligarquias), Evita fundia em seus discursos seu amor à Péron ao que nutria pelo povo argentino. A rapidez da ascensão de Eva Duarte no cenário político argentino impressiona. Conheceu Perón, em 1944, durante um evento benéfico, tornando-se sua esposa no dia 22 de outubro de 1945. À época do casamento, o estadista já gozava de grande prestígio junto às camadas populares, dadas as diversas medidas de proteção aos trabalhadores que tomara enquanto ministro do trabalho. Politicamente ativa, Evita colocou-se em prol dos direitos dos trabalhadores. Sem limitar-se ao tradicional papel esperado para uma primeira-dama, deslocou a questão da assistência social da esfera da caridade para o Estado, que teria por dever cuidar dos mais desfavorecidos.

Ao longo de sua doença, suas dores físicas fundiram-se às dores dos oprimidos. A visível degradação de seu corpo pela doença, acompanhada pela população por meio dos meios de comunicação, reforçou sua imagem de mártir apropriada pelo Peronismo. Ainda que o regime político tenha sido proscrito da Argentina durante a maior parte da segunda metade do século XX, sua presença não se esvaneceu. Pelo contrário. Por intermédio dos meios de comunicação de massas, a imagem da mulher-mártir misturava-se à da mulher de largo sorriso, bonita e empoderada. Em todo o mundo Evita tornou-se um ícone da luta pela justiça social.

Como os peronistas receberam a notícia da morte de Eva? Quais expressões de luto foram observadas no âmbito público e privado? Até que ponto a máquina estatal interferiu e conformou o luto público? De que forma os ritos fúnebres comuns ao período fundiram-se aos ritos peronistas? Essas questões são abordadas por Gayol no terceiro capítulo do livro, a partir da análise de uma série de acontecimentos que vão desde a esfera governamental a pequenos dramas pessoais ocorridos entre os dias 26 de julho (dia da morte) e 9 de agosto. Cerca de três milhões de pessoas assistiram ao cortejo fúnebre no qual o corpo de Eva Perón foi conduzido da câmara ardente instalada no Secretaría de Trabajo y Previsión até a sede da Confederación General del Trabajo, onde deveria repousar até a construção do mausoléu.

O corpo de Eva Perón foi preparado para um velório público que duraria doze dias. Parte dos ceremoniais já havia sido pensada e organizada ainda antes de sua morte. Nas diversas províncias, os sinos das igrejas soaram para anunciar a morte. Além das missas em sufrágio à alma de Evita, foram erigidos altares (Toscano, 2014) encimados com fotografias da primeira-dama como forma de homenagem e representação simbólica da morta: um velório possível para os cidadãos que devido à distância não pudessem participar dos funerais na capital. Em Buenos Aires as ruas se cobriram de flores. Como nos coloca Gayol, o funeral da primeira-dama foi também um espetáculo sensorial. Protegido pela guarda feminina, o caixão com o corpo de Evita era olhado, tocado e beijado por cidadãos chorosos após enfrentarem horas de

⁵ "La felicidad de un descamisado vale más que mi propia vida" (p. 77). [A versão em português é tradução minha].



filas sob o frio rigoroso do inverno argentino. A dor compartilhada por milhares de cidadãos deu o arremate final à configuração da comunidade emocional peronista.

Como fonte, Gayol também utilizou alguns dos documentários sobre os funerais na capital portenha, produzidos por iniciativa do Estado. O da Fox Film, encomendado pela Secretaria de Imprensa e Difusão, mostra o translado do corpo do Secretaría de Trabajo y Previsión para a sede da Confederación General del Trabajo, com uma ritualística indefinida entre um cortejo fúnebre e uma parada militar.⁶ O caixão, ao centro espetáculo, aludia à sacralidade do regime peronista. Perón aparece como garantia de continuidade do legado político da esposa. Para a autora, o objetivo desses filmes não era o de fazer um mero registro dos funerais, mas fomentar a comoção e comunhão coletiva em torno da morte de Evita.

No quarto capítulo, Gayol se debruça sobre diversas filmagens e uma série de registros fotográficos a fim de analisar a elaboração das narrativas acerca da morte a partir dos meios de comunicação. Para a pesquisadora, a imprensa oficial elaborou um relato com o intuito de fixar uma representação e uma memória em torno do evento. Assim como a propaganda do Estado, essas imagens tinham uma intenção pedagógica. Nelas, a primazia visual recaiu sobre o presidente e as forças armadas. De acordo com a autora, as crônicas visuais oficiais ainda hoje replicam a construção da memória acerca do evento, ao mesmo tempo em que relegam para a margem algumas expressões populares. Ao longo do capítulo, Gayol demonstra como as tradições populares se fizeram presentes no funeral (flores, distribuição de comida, capelas ardentes nas províncias e altares domésticos etc.). Todavia a centralização do poder, a preparação prévia do funeral e as narrativas criadas e replicadas pelo Estado (detentor de importantes veículos de comunicação) fizeram com que as memórias das expressões populares fossem ofuscadas pela propaganda governamental.

No quinto capítulo Gayol analisa a correspondência de pêsames enviada ao presidente. O material, datado em sua maior parte de um período que vai de 27 de julho a 11 de agosto, encontra-se no Archivo General de la Nación. São testemunhos de dor motivados por um mesmo evento histórico. Alguns dos telegramas, cartas e cartões contêm poesias, orações e composições musicais. Para além de expressarem a dor diante da morte da primeira-dama, os remetentes também demonstravam gratidão pelo legado de Evita aos mais humildes. Muitos dão a revelar o sentimento de incerteza do que seriam suas vidas sem Evita.

Esse sentimento de incerteza diante do futuro é também encontrado nas cartas enviadas pela população brasileira à família de Tancredo Neves, durante seu processo de agonia no hospital e por ocasião de sua morte no dia 21 de abril de 1985. Sua eleição para a presidência da República por um Colégio Eleitoral em janeiro desse mesmo ano, simbolizava o fim da Ditadura Militar, no Brasil, que durara mais de 20 anos. Sua internação na véspera da posse, seguida por um longo período de coma, colocava o Brasil outra vez na incerteza de seu futuro político, uma vez que José Sarney (vice-presidente de Tancredo Neves) sempre fora ligado aos militares. A correspondência dá a transparecer uma espécie de proximidade entre a dor sentida pelos cidadãos brasileiros e a família do político. As cartas contêm orações, desejo

⁶ Ver: Cronjagar, E. (1952). Secretaría de Prensa y Difusión de la Presidencia de la Nación / Fox. Y la Argentina detuvo su corazón. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=vs7syIRHX7E>.

de melhorias ao presidente e mensagens de consolo; sendo também testemunhos do medo e da incerteza de muitos brasileiros quanto ao porvir (Marcelino, 2015).

De acordo com Gayol, a correspondência enviada a Perón, representa uma oportunidade única para explorar os significados da morte de *La Señora* para milhares de cidadãos argentinos, cujo luto aproximava-se ao de alguém que perdera um ente querido. Para além das condolências, muitos remetentes expressaram ao presidente a gratidão pelo trabalho social de Evita, que mudara suas vidas e a de familiares. Outras cartas deixam transparecer a incerteza diante de um futuro sem ela. Para a autora, por meio dessas fontes percebe-se que no Peronismo, o componente emocional era inseparável do ideológico.⁷ Por outro lado, as narrativas elaboradas pelos órgãos estatais de propaganda parecem ir ao encontro dos anseios desses cidadãos: o apoio a Perón representava o único caminho para a continuidade do legado social da primeira-dama.

Não é incomum que a morte e os funerais de presidentes sejam utilizados como oportunidade de reafirmação ou legitimação político-ideológica por grupos detentores do poder; o que pode se dar pela elaboração de discursos ou pela manipulação de ritos e elementos simbólicos. Para além das narrativas produzidas pelos partidários do morto, existem também as elaboradas por opositores. Esses eventos podem ainda dar origem à reconstrução da memória histórica e da trajetória política (ou biográfica) desses indivíduos (Marcelino, 2015). São acontecimentos passíveis de uma abordagem historiográfica que conjuga a História Política à História da Morte. Todavia, a excepcionalidade da personagem central do livro de Gayol, dá-se pelo fato de Eva Perón ser uma primeira-dama. A escrita acerca dos regimes totalitários com grande adesão das massas muito comumente privilegia os aspectos ideológicos e emocionais que motivavam cidadãos comuns à adesão ao dado regime. No entanto, segundo a autora do livro aqui resenhado, a relação entre política e emoções é complexa e multifacetada. Se ao longo do livro, Gayol analisa as emoções em torno da comunidade peronista, no sexto capítulo, ela trata das emoções desencadeadas nos opositores políticos do Peronismo diante da morte, do luto público e dos funerais da primeira-dama: antipatia, raiva, tédio, medo. Este último presente entre os muitos que se recusaram a portar ao redor do braço a fita preta em sinal de luto (tornando-se alvo de peronistas e agentes públicos) ou simplesmente não demonstrar qualquer sinal de dor diante da morte da primeira-dama. Como interpretaram a aflição popular e de que forma se posicionaram ante um espetáculo do qual era impossível esquivar-se? Para a escrita deste último capítulo, a autora utilizou jornais e periódicos existentes em alguns países sul-americanos, onde os opositores políticos podiam publicar sem temer a censura do governo peronista.

⁷ O conteúdo de *Una pérdida eterna* nos remeteu ao Varguismo, caracterizado por componentes políticos similares ao Peronismo, tais como o nacionalismo, o trabalhismo, populismo e a forte propaganda política. O suicídio de Getúlio Vargas (em agosto de 1954, praticamente dois anos após a morte de Eva Perón) causou grande comoção no país, transformando-o em um mártir e fazendo recuar (ao menos por algum tempo) seus adversários políticos. Durante o cortejo fúnebre entre o Palácio do Catete e o aeroporto (de onde seguiria para São Borja, sua cidade natal), seu caixão foi tomado e levado nos braços pela multidão consternada (Marcelino, 2015). Todavia, ao justapormos os dois regimes políticos, fica a pergunta: por que o trabalhismo brasileiro não manteve o mesmo vigor que o argentino? Estaria essa resposta na ausência (no caso brasileiro) de uma comunidade emocional nos mesmos moldes do que ocorreu na Argentina?

Para tal, Sandra Gayol valeu-se de um conjunto heterogêneo de publicações, a exemplo de: biografias, boletins de partidos políticos, reportagens e artigos (assinados e anônimos) publicados pela imprensa argentina que tentava fugir à censura, inclusive por meio da publicação em jornais uruguaios que davam acolhida à oposição. Algumas dessas narrativas testemunham a morte de Eva com desprezo. A demonstração de luto compulsório por meio do uso obrigatório do bracelete negro era um fardo do qual vários anti-peronistas procuraram se esquivar (apesar das consequências possíveis) como sinal de posicionamento político. Gayol demonstra como a oposição era humilhada pelo ostracismo dentro da comunidade de pessoas felizes.

Em 1955, a oposição das forças armadas levou Perón a renunciar à presidência. A morte de Evita, em 1952, e a partida de Perón para o exílio, tiveram por consequência “a destruição do ‘mundo feliz’”, nas palavras de Sandra Gayol. Todavia, para a autora, essa destruição terminou por reforçar a felicidade nas histórias contadas, reforçando o passado e dando coerência a um discurso de expectativa de futuro.

Desde sua morte, Eva Perón foi tema recorrente na imprensa, em filmes e biografias, dando origem ao que a autora chama de “biografias *post mortem*”. Contudo, a presença de Evita não se limitou ao Peronismo, havendo mesmo uma mercantilização de sua imagem. No epílogo, a título de exemplo, Gayol alude ao filme homônimo de 1996, dirigido por Allan Parker e estrelado por Madonna e Antonio Banderas.⁸ Embora afirme que antes de 1996 a presença de Evita já fosse frequente no *star system*, a autora deixa para trás um detalhe interessante: o de que o filme foi inspirado no musical “Evita”, que durante anos permaneceu em cartaz em Londres e Nova York, fazendo ressoar os ideais peronistas para além da Argentina. A trilha sonora desses espetáculos, por sua vez, tem origem no álbum de ópera-rock, “Evita”⁹, produzido pelos músicos britânicos Lloyd Webber e Tim Rice. Ao que nos parece, sem que fosse despolitizada, a figura de Eva Perón reverberou pelo mundo ao ser apropriada pela indústria do entretenimento, que, ao seu modo, manteve Eva Perón conectada às massas mesmo após a sua morte. Na Argentina, Evita ainda hoje ocupa um lugar nas disputas políticas e culturais. No Cemitério la Recoleta, seu mausoléu (sempre florido) é o mais visitado por argentinos e turistas do mundo inteiro, assim como o Museu Evita.

Como nos afirma Gayol, o luto compartilhado por milhares de argentinos diante de sua partida precoce aos 32 anos de idade formou uma comunidade emocional capaz de perpetuar o Peronismo e o mito em torno de Eva Perón através de gerações. Contudo, ficam as perguntas: quais as possíveis relações estabelecidas entre a comunidade emocional peronista e a indústria do entretenimento? Terá sido a primeira fundamental para que Evita fosse apropriada pela segunda? Ou ambas se retroalimentaram? Por que a imagem de Evita ainda hoje fascina milhares de pessoas ao redor do mundo, que assim como muitos argentinos lamentam sua morte como *una perdida eterna*?

⁸ Parker, A. (1996). *Evita*. [Filme]. Hollywood Pictures.

⁹ Ver Webber, L. & Rice, T. (1978). *Evita*. [Disco]. Polydor.

Referências Bibliográficas

- Aelo, O. (2016). El Partido Peronista argentino: diseños organizativos y prácticas políticas (1947-1955), *Topoi*, 17(33), 602-625.
- Ariès, P. (2017). *História da morte no Ocidente*. Nova Fronteira.
- Dujovne, A. (1995). *Eva Perón. La biografía*. Aguilar.
- Erhlich, L. & Gayol, S. (2018). As vidas post mortem de Eva Perón: corpo, ausência e biografias nas revistas de massas da Argentina. *História Crítica*, 1(70), 111–131.
- Gayol, S. (2000). *Sociabilidad en Buenos Aires: hombres, honor y cafés, 1862-1910*. Ediciones del Signo.
- Gayol, S. (2008). *Honor y duelo en la Argentina moderna*. Siglo XXI.
- Gayol, S.; Kessler, G. (2019). *Muertes que importan: Una mirada sociohistórica sobre los casos que marcaron la Argentina reciente (Sociología y Política)*. Siglo XXI.
- Marcelino, D. (2015). *O corpo da Nova República Funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político*. FGV.
- Navarro, M. (1994). *Evita*. Planeta.
- Neiburg, F. (1997). *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. EdUSP.
- Plotkin, M. (2007). *Mañana es San Perón. Propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955)*. Eduntref.
- Rosenwein, B. (2011). *História das emoções: Problemas e métodos*. Letra e Voz.
- Toscano, V. (2014). La memoria de la muerte em México entre el siglo XVIII y el XIX. In C. Rodrigues & F. H. Lopes (Org.). *Sentidos da morte e do morrer na Ibero-América* (pp-191-223). EdUERJ.

Enviado em: 7 de setembro de 2024

Aprovado em: 5 de novembro de 2024



REVISTA M. - ISSN 2525-3050

Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, e13539, jan./jun. 2025
DOI: 10.9789/2525-3050.2025.v10n19.e13539

